

THE MORTAL STORM / 1940

(Tempestade Mortal)

um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / **Argumento:** Claudine West, Anderson Ellis e George Froeschel, baseado num romance de Phyllis Bottome / **Fotografia:** William Daniels / **Direção Artística:** Cedric Gibbons / **Décors:** Edwin B. Willis / **Guarda-Roupa:** Adrian / **Música:** Edward Kane / **Som:** Douglas Shearer / **Montagem:** Elma Vernon / **Interpretação:** Margaret Sullavan (Freya Roth), James Stewart (Martin Breitner), Robert Young (Fritz Marberg), Frank Morgan (Professor Roth), Irene Rich (Frau Roth), Maria Ouspenskaya (Frau Breitner), Robert Stack (Otto Von Rohn), William Orr (Erich Von Rohn), Bonita Granville (Elsa), Gene Reynolds (Rudi Roth), Dan Dailey (Holl), Russell Hicks (o Reitor), William Edmunds (Lebman), Esther Dale (Marta), Granville Bates (Berg), Sue Moore (Theresa), Robert O. Davis (Hartman), etc.

Produção: Sidney Franklin, Frank Borzage e (não creditado) Victor Saville para a Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 100 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 16 de Junho de 1940 / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Luiz, a 30 de Outubro de 1945.

The Mortal Storm é quase sempre citado pela fabulosa morte de Margaret Sullavan nas neves, essa morte que já foi comparada à de Lillian Gish em **Way Down East** de Griffith ou à de Sylvia Sydney em **You Only Live Once** de Fritz Lang.

O par fugitivo demorou um pouco mais e já vimos o sol nascer sobre as montanhas nevadas. Subitamente – e contrariando a pergunta anterior de Margaret Sullavan: *"We're not lost are we?"* – Innsbruck aparece à frente deles, significando a salvação com a passagem da fronteira. Mas, quase no mesmo momento, eles e nós vemos a patrulha perseguidora, comandada por Fritz. James Stewart propõe então a Margaret Sullavan como última e única solução aquela louca descida pela encosta abaixo, de skis. Mas logo hesita: *"A não ser que queiras voltar para trás..."* "A câmara fixa-se no cansadíssimo rosto de Sullavan (esse rosto que Stewart dissera antes estar tão pequeno e tão branco: *"Every time I look back you seem to be smaller... You're so very tired..."*) e ela responde-lhe com essa **husky voice que foi única no firmamento cinematográfico:** *"Go back to what, Martin?"*. E é ela quem inicia a descida, acompanhada por um *traveling* rápido. O processo de montagem paralela (par/patrulha) já usado durante toda a perseguição, continua. E é do ponto de vista da patrulha, e após um plano dela, que vemos Freya e Martin de muito longe (*"a very, very long shot"*), pontos negros na neve. O ângulo de que são filmados "reforça o isolamento deles e a sua entrada na esfera luminosa, irradiantemente branca, que é também a sua esfera espiritual", como escreveu Frederick Lamster no livro "The Film Work of Frank Borzage" que subintitulou – subtítulo que por inteiro cabe a este filme – "Souls Made Great Through Love and Adversity".

Esses planos de muito longe contrastam com os planos de muito perto da patrulha, até à ordem de atirar. Ouvimos os tiros e continuamos a ver Stewart e Sullavan a desfilarem. Há um *close-up* de Fritz (Robert Young) dividido entre o amor antigo e as novas convicções, novos tiros e um dos pontos pretos (Margaret Sullavan) cai na neve. Só então a câmara se aproxima do par, enquanto James Stewart lhe pega ao colo e continua a descida. Mas a câmara fica ali e em plano aproximado mostra-nos a mancha do sangue dela na neve. Só depois os retoma, quando James Stewart lhe diz: "*We made it, we're free*". Margaret Sullavan, com a cabeça pousada no ombro de Stewart, abre os olhos e responde: "*Now, I'm truly very, very tired*". E morre-lhe nos braços, já em território austríaco, enquanto a câmara nos dá a ver, em grande plano, James Stewart com uma expressão de que só ele seria capaz.

Muito me demorei na descrição dessa espantosa morte, certamente das mortes mais líricas e mais belas do cinema, que um espectador mais conhecedor da obra de Borzage imediatamente associará à morte de Helen Hayes, de branco vestida, na luz branca do hospital, ao colo de Gary Cooper em **A Farewell to Arms** (1932). Ou quem viu **Three Comrades** (1938), associará à outra morte de Margaret Sullavan, nesse filme, com o *celestial shot* que a mostra morrendo nos braços de Robert Taylor, dessa vez nas neves dum sanatório. Até as bandas sonoras são semelhantes: o Liebestod ou os sinos da igreja austríaca em **The Mortal Storm**. Cada uma dessas mortes é sobretudo um sinal de redenção e em **A Farewell to Arms**, **Three Comrades** e **The Mortal Storm** o signo de que *they'll never be apart in life and death*. Talvez, por isso, em todas elas, o tema da liberdade é associado ao da morte. Morrendo, as heroínas de Borzage tornam-se finalmente livres.

Mas se nunca mais se esquecem mortes dessas – e sequências dessas – segredo do lirismo intimista do soberbo melodramatismo do grande Borzage, **The Mortal Storm** merece ser recordado muito mais do que pelas celebradas sequências finais e é – todo ele – um prodígio de construção e de visão.

Um dos poucos filmes que em 1940 – ainda a América era neutral – levou Hollywood a pisar o risco e a pronunciar-se abertamente contra o nazismo é assinalado pelo quarto encontro – e para qualquer deles encontro final – de Frank Borzage e James Stewart com a prodigiosa Margaret Sullavan, essa que Louise Brooks e Godard amaram mais do que a todas.

Borzage dirigira-a em **Little Man, What Now?** (1934) – segundo dos filmes dela e luminosíssima criação, já como alemã e adversária de Hitler – em **The Shining Hour** (1938), ao lado de Joan Crawford, e no citado **Three Comrades** (1938). E foi, sem dúvida, o realizador que mais lhe acentuou a vulnerabilidade, e "*that wonderful voice of hers – strange, fay, mysterious – like a voice singing in the snow*", como escreveu Louise Brooks. Ou, para citar Thomson, com ele foi Margaret Sullavan mais do que com ninguém "*a girl in a summer dress on a winter day*".

James Stewart – de todos o actor que melhor se "casou" com ela por idêntica pureza e por idêntico fervor – foi par de Margaret Sullavan em **Next Time We Love** (Edward H. Griffith, 1936) **The Shopworn Angel** (H.C. Potter, 1938) e no assombroso filme de Lubitsch **The Shop Around the Corner** (1940).

Em todos esses filmes há um homem que Stewart julga que Sullavan ama mais, em todos eles é uma espécie de *second choice*. Mas parece predestinado – mesmo quando não houve *second choice* e o amor ficou para a próxima vez, como dizia o título do primeiro filme que fizeram juntos – que se apaixonariam um pelo outro e que o deus que os fizera os juntara.

Assim sucede em **The Mortal Storm**. Quando Robert Young, na belíssima e idílica sequência de abertura – a do jantar dos 60 anos do Professor – anuncia (contra a vontade de Margaret Sullavan) o noivado, notamos alguma crispação na alegria que James Stewart finge sentir. Talvez

seja tanto por causa do nazismo como por causa de Young, que se afastou da universidade e de casa do Professor, para se dedicar aos nascimentos de vitelos e potros. Mas que não há mais nenhuma mulher para ele é evidente logo nessa sequência da cavalaria, quando nada percebendo do amor da jovem Elsa por ele, Margaret Sullavan o vem buscar. E com ele se encontra no ódio à nova ordem e depois de o proteger da agressão dos irmãos, entrega-se-lhe nessa primeira descida pelas neves, que é o glorioso prenúncio do trágico final.

Mas se é tudo tão belo e límpido na relação Sullavan-Stewart (com Stewart a conquistá-la com a sua desajeitada coragem, assumida quer no episódio com o velho na cervejaria, quer durante a sova que os filhos de Frau Roth lhe dão), Borzage não é menos admirável ao pintar as sombras dos amores rivais. Nem todo o fanatismo nazi conseguiu apagar em Young o amor por Sullavan. Duas vezes, a divisão da personagem (entre as convicções políticas e os ciúmes pessoais) é admirável de ambiguidade: quando recusa e depois favorece a visita da família ao Professor, no campo de concentração, e quando recusa e depois aceita a ordem para comandar o pelotão que mata Margaret Sullavan. Os seus "shoot" e "don't shoot" são assombrosos de tensão, como assombrosa é a extensão do seu desastre (pessoal) quando dá a notícia da morte de Sullavan e da salvação de Stewart. Matou a mulher que amava e salvou o rival. Tudo cai em ruínas à volta dele, perante a tardia assunção de consciência de Robert Stack, encarregue de pronunciar a "oração" final.

Não menos denso é o personagem de Elsa, duas vezes torturada em nome do homem que lhe ignorava o amor. Varrida por Margaret Sullavan (e pela coragem de Margaret Sullavan) aguenta o desafio na sua assumida cobardia, sobretudo nessa prodigiosa sequência em que Maria Ouspenskaya e Margaret Sullavan dobam os novelos, durante a busca dos nazis. Nesse fulgurante momento de cinema, todas as vénias vão para a velha atriz russa, sobrevivente do grupo original de Stanislavsky e que se fixou na América por altura da digressão do Teatro de Arte de Moscovo, em 1923, para na América abrir uma escola de actores que mais lididamente do que qualquer outra se pôde reclamar dos ensinamentos do Mestre. Veja-se-lhe a expressão quando se começam a ouvir os gritos de Elsa ou pense-se – depois – na sequência espantosa em que "casa" James Stewart com Margaret Sullavan. E, na sequência dos novelos, há ainda outra criação pasmosa: a de Ward Bond em nazi odioso, tão odioso que quase nos esquecemos do inolvidável companheiro de Wayne, nos filmes de Ford.

E só com actores, as surpresas neste filme não acabam: Frank Morgan no velho Professor, sobretudo nesse jantar de todos os fins, e do fim da família, num 30 de Janeiro que ele julgava poder ser esquecido e jamais o foi; Irene Rich, na mulher dele, sobretudo na sequência ultra-expressionista da visita ao marido; Dan Dailey, muito jovem, a inaugurar, no mais asqueroso dos nazis, a sua galeria de vilões.

Mas **The Mortal Storm**, de que tenho estado a falar fragmentariamente, é um todo. E um todo admiravelmente construído, em torno dos temas (depois tantas vezes repetidos) da destruição de uma família e da ascensão do nazismo.

Como tantos, Frank Morgan ainda acredita, depois da criada anunciar a nomeação de Hitler, que talvez não vá ser tão mau como se supõe. A oposição entre as cenas da aula (no dia de anos e no dia em que os alunos o deixam sozinho no anfiteatro) dá a dimensão da sua ilusão, com a sequência admirável em que assiste da varanda à queima dos livros. Catalisador da tragédia, o Professor legou à filha a crença nos valores fundamentais do liberalismo individual e é essa crença que sobretudo **The Mortal Storm** proclama contra o totalitarismo nazi. Os heróis são-no pelo seu liberalismo, pelo direito a pensar diferentemente, pelo direito de recusar os gestos e os *slogans* massificantes. E se Margaret Sullavan se perde é por fidelidade a essa herança, quando pretende levar para o exílio o manuscrito do pai.

Começado entre as nuvens (nuvens negras) por uma voz *off* declamatória e retórica (início paradigmático dos *forties*) o filme termina com a mesma figura e com o texto de Minnie Louise Hopkins (*"Gate of the Year"*) que incita a *"go out into the darkness"*. Antes, Robert Stack, depois de enfrentar Robert Young afirmando que Stewart ficará livre para pensar o que quiser, revive, na casa materna, nessa prodigiosa sequência de sombras, junto à cadeira, os momentos de felicidade do dia 30 de Janeiro. E em *off* ouvem-se as vozes de Freya e do pai, falando de *"gracious living, tolerance, sense of humour"*.

Por esses valores vale a pena enfrentar as trevas das tempestades mortais. Em 40, Borzage, com este sublime melodrama, anuncia as razões que Roosevelt – um ano mais tarde – daria à América para a *necessary war*. E anuncia-as com uma história exemplar, exemplarmente encenada e que leva a sua arte de meios-tons e meias-tintas à mais suprema hora de beleza.

Entre o *Carry On* do dia de anos de Professor e o *Wacht am Rhein* da cervejaria, a coralidade adquire o sentido oposto. Mas contra ela emergem os quatro protagonistas que no dia do advento de Hitler se não levantaram da mesa. São eles, mais o velho dos copos ancestrais, que provarão que esses corações individuais jamais se vergarão perante o todo totalitário. Por isso ascenderão à luz da ressurreição e as suas perspectivas nunca serão destorcidas, como as de Young no seu confronto com Stewart.

Por um lado, a grande harmonia cósmica e moral. Por outro, as grandes sombras da morte. Só o amor transcendental como a liberdade transcendental – aqui personificados pela imponderabilidade e beleza de Margaret Sullavan e James Stewart – podem varrer as segundas e restituir as primeiras. **The Mortal Storm**, a mais comovente das obras de Borzage, é o filme que reúne o céu à neve, na apoteose da mesma brancura.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico